

M475  
DN 11.5.57

# LEMBRANÇA DO FIM DA GUERRA

**N**O dia em que a guerra terminou na Europa eu não estava na frente. A guerra para mim terminara pouco antes, a 30 de abril, quando assisti, numa poeirenta estrada iluminada por um sol quase horizontal, perto de Collecchio, à rendição, aos brasileiros, da 90.<sup>a</sup> Divisão Blindada alemã. Doente, magérrimo, com a mão direita quebrada, deixei a frente naquele dia e, pegando carona em jipes e caminhões, consegui chegar a Florença, onde arranjei um avião para Roma.

Eu não poderia esquecer, entretanto, as emoções e os pensamentos do Dia da Vitória. A principal emoção era alívio: mas os pensamentos eram mais melancólicos do que alegres. Talvez porque eu estivesse com uma inevitável depressão nervosa; talvez porque me acudissem ao espírito cenas que eu não presenciara mas vira reconstituídas no cinema tantas vezes: a monstruosa festa da população de Nova Iorque no dia do armistício da Primeira Grande Guerra. Tôda aquela alegria da Vitória se transformara, depois, em inquietação, tristeza, crise, conflitos — até que começasse a Segunda Grande Guerra. E eu pensava, em 1945: liquidados hoje, militarmente, o nazismo e o fascismo, quem nos garante que não vamos apenas começar a descansar para outra guerra? Quanto tempo durará a camaradagem da vitória entre os países capitalistas e a URSS? Quando começará a Terceira Grande Guerra?

Hoje, 16 anos passados, já sabemos que se vier a Terceira Grande Guerra ela será, com tôdas as probabilidades, a última. Se forem usadas tôdas as armas já estocadas nesses 16 anos, não sobrá coisa alguma da Humanidade, nem na Europa nem na Ásia nem em Pará de Minas. Ou os seres humanos que sobrarem serão tão fracos que apenas terão fôrça para brigar entre si a sopapos ou se agarrarem uns aos outros pelos cabelos, como pobres meninos.

Aconteceu, entretanto, uma coisa — muitíssimo pouco lembrada — na Segunda Guerra, que pode dar alguma esperança a quem fizer muita questão de ser otimista. Perto de Livorno, quilômetros e quilômetros de estrada ladeavam um imenso depósito que nenhum correspondente poderia referir: era o material acumulado para a guerra química, ativa e passiva. Cada um de nós recebeu, a certa altura, uma máscara contra gases, e uma vaga instrução de como usá-la. Lembro-

-me de ter andado algum tempo com aquêlo trambolho. Mas a lembrança das desgraças produzidas pelos gases na guerra anterior era tão horrível que, na Segunda, nenhuma potência ousou lançar mão do mesmo recurso. Cada um sabia, certamente, que o adversário dispunha das mesmas armas — ou talvez piores — e poderia vir à forra. As grandes potências inimigas gastaram inumeráveis bilhões de dólares preparando-se para fazer ou revidar à guerra química — e ela não houve. O medo paralisou os contendores.

Os bilhões, infinitamente mais numerosos, gastos com a guerra atômica, depois da rendição japonêsa, não terão o mesmo fim? Que americano louco terá coragem de lançar uma bomba de hidrogênio sobre a URSS, sabendo que ela tem meios de, logo a seguir, fazer explodir outra sobre Nova Iorque? E que russo desvairado terá a audácia de fazer o primeiro gesto, sabendo que está condenando à morte milhões de criaturas de Moscou?

Há outro fator bom a considerar: em uma próxima guerra mundial os patriotas da retaguarda, os “profiteurs” e os histéricos de todos os tipos, que costumam entusiasmar os moços a partir, sabem muito bem que o “front” dessa vez não será o Reno nem o Báltico: tudo será “front”, pois a morte choverá sobre o mundo inteiro, o “front” será dentro da casa de cada um, do organismo de qualquer um.

De qualquer modo, não é bonito pensar que tudo que somos e amamos pode estar na dependência de um gesto, de uma palavra de um homem insensato. Quem duvida que Hitler, no desespero da derrota, não preferisse incendiar o mundo inteiro a perecer sozinho com sua amante numa fogueira depois do suicídio? Quem nos assegura que estamos livres do risco de um outro Hitler? É bom não esquecer que êle surgiu em um dos países cultural, material e politicamente mais adiantados do mundo.

Enquanto discutimos sobre Cuba ou Laos, aumentam os estoques de bombas, que já são suficientes para livrar a face do planeta dêste “bicho da terra tão pequeno”. O remédio, depois, será começar tudo outra vez, pelo Gênesis — se Deus não tiver remorso ou tédio...